

## 5. AS NARRATIVAS DOS PROFESSORES: O QUE SENTEM, PENSAM E VIVEM.

Esta seção traz à tona a fala dos professores, por meio da entrevista, as quais relatam as autoanálises desses diante do processo formativo e das condições de trabalho. Acredito que a narrativa dos sujeitos foi rica e essencial para aprofundar e constatar a trajetória pessoal e profissional dos mesmos.

### 5.1. O perfil dos professores

#### 5.1.1. Início de carreira

Os professores classificados em início de carreira foram os que têm atuado até quatro anos na Educação Superior. Assim, nessa etapa, encontra-se o professor Afonso, de 34 anos, bacharel em Física pela UFPA, com mestrado e doutorado em Física, pela Universidade de São Paulo.

Minhas impressões do professor é que ele é um jovem doutor e foi o último professor que entrevistei. Demonstrou ser um professor alegre e receptivo, que revelou a busca para adaptar-se à realidade da UEPA, instituição que, segundo ele, possui o ensino como prioridade. Nesse contexto, o professor vislumbra, como projeto para o futuro:

*Engrenar minha carreira científica, que está estagnada e voltar a pensar continuamente em Física. E finalmente começar uma carreira científica de fato, isso é um projeto. Agora sonho eu creio que vem daí, essa expectativa de conseguir me tornar um pesquisador que eu acho que possa ser, essa perspectiva distante de conseguir um reconhecimento, dentro do meio acadêmico é um sonho, acho que não se realizou e eu espero que ainda se realize, que eu consiga inserir-me no meio acadêmico com visibilidade e reconhecimento é meu sonho. (Professor Afonso)*

O professor vem de uma realidade familiar, na qual mãe e pai trabalhavam fora de casa. O pai, engenheiro eletrônico, e a mãe, secretária de escola, tendo concluído o Ensino Médio. O professor Afonso tem dois tios que exerceram o magistério, sendo um em nível de Ensino Fundamental e o outro na universidade.

Em relação aos aspectos culturais, o professor Afonso afirmou ler todos os dias, principalmente periódicos de divulgação científica. E considera a *internet* como uma fonte imprescindível de informação. Todas as vezes que o encontrei na sala dos professores do CCSE sempre estava com o *notebook* ligado. Ele se considera usuário ferrenho da *internet* e, nesse sentido, afirmou:

*Eu uso muito a internet, não só para preparar aulas, mas para me manter informado sobre a minha área, sobre notícias de ciências e para coletar material para preparar aulas. Eu uso a internet muitas horas por dia.* (Professor Afonso)

Nos finais de semana, o professor Afonso prefere descansar e, quando decide sair, sua opção é pelos programas menos agitados. Assim, seu lazer é ir a restaurantes ou cinema com sua esposa e assistir filmes e seriados na televisão.

As lembranças que o professor Afonso tem de seus professores estão associadas ao rigor e à disciplina que esses imprimiam na sala de aula. Isso se deve ao fato de o professor ter cursado o Ensino Fundamental e Médio em escola militar.

Já no Ensino Superior, o professor destacou como bons os professores que tinham domínio do assunto, segundo ele, eram conhecedores da especificidade científica, apesar de práticas tradicionais, davam aulas expositivas com clareza e coerência.

O professor lembrou ainda daqueles que classificaria como pertencentes a outro grupo de professores universitários, os quais não possuíam tanta didática como os mencionados, mas foram:

*Muito importantes também, no sentido de que eram exemplos, eram professores que a gente tinha como modelo, que eram professores e pesquisadores que também tinham feito doutorado fora e esses com certeza influenciaram muito nas escolhas posteriores, na escolha pela pesquisa, pelo mestrado, pelo doutorado, esses professores modelo eram pesquisadores também, então tem essa influência.* (Professor Afonso)

O professor Afonso, desde a graduação, já desejava ser professor universitário (ele não possui experiências em outros níveis de ensino). Sua inserção na docência universitária ocorreu após concluir o doutorado, por intermédio de um amigo que o avisou do edital de contratação de professor da Universidade de Brasília (UNB) e, assim, teve oportunidade de ingressar como professor substituto da UNB, onde atuou no período de 2006 a 2007. Em janeiro de 2008, ingressou como professor efetivo da UEPA via concurso público. Ele só

trabalha na UEPA, apesar de não ter regime de dedicação exclusiva e nunca exerceu funções administrativas na universidade.

Ao tomar por base os aspectos caracterizadores do início de carreira, apresentados por Huberman (2007), o contato inicial, o choque com o real, o tatear constante, a preocupação consigo mesmo, a sobrevivência, a descoberta e a frustração, identifiquei elementos semelhantes entre esses aspectos e a trajetória do professor Afonso.

O professor Afonso demonstrou realizar um tatear constante na docência universitária, à medida que revelou *acho que estou aprendendo, ainda começando a aprender a ensinar, mas através de uma abordagem empírica, eu aprendo a ensinar, ensinando.* (Professor Afonso)

Aliado a esse tatear, percebi que o professor desenvolve sua ação docente a partir da reflexão do contato inicial que vivenciou com as situações de sala de aula, no qual um recém doutor experimenta o choque com o real, diante da complexidade da situação profissional. Entre os desafios da docência, o professor afirmou que:

*Uma exigência e um desafio da docência é conseguir uma interação eficaz e eficiente com os alunos, eu acho que já experimentei situações, em que a turma estava totalmente desconectada de mim e vice-versa e foram as piores experiências que eu tive. Então, eu acho assim que esse é um ponto que eu sempre procuro essa conexão, fazer com que os alunos sintam que não estão perdendo tempo na minha aula e que eu também, ao acordar de manhã, vou para aquela aula satisfeito, sem a sensação de que estou indo perder meu tempo também.* (Professor Afonso)

E ainda:

*E depois, ao entrar na UEPA, muito bom também, porque aí mudei a minha maneira de ver a educação, pelo perfil da Instituição, eu acabei tendo que me adaptar, no sentido de procurar entender os problemas da educação, quais são dificuldades do ensino e da aprendizagem mesmo, essa preocupação eu não tinha na UNB, pois lá eu era professor substituto e só tinha que despejar o conhecimento em cima dos alunos. Aqui na UEPA não, já tive que ter um olhar pro aluno mesmo, pensar nas dificuldades e tentar criar maneiras de evitá-las e superar, então eu acho que na UEPA é uma experiência muito importante, no sentido de aumentar meu repertório de técnicas de ensino, eu diria.* (Professor Afonso)

A preocupação consigo próprio e certa frustração do professor, entre a atuação e a formação, são também apontadas por Huberman (2007) como aspectos presentes nessa etapa da carreira. Esses aspectos foram evidenciados no professor, o que pode ser evidenciado na seguinte fala:

*[...] meu perfil, o crescimento acadêmico seria pesquisa na minha área, aí, isso na UEPA é dificultado, pela estrutura, pelo perfil do Centro onde estou lotado, o Centro de Educação e aí desde que entrei aqui há uma tentativa de que eu me*

*converta ao perfil da instituição, eu ainda não consegui criar condições dentro dessa instituição para fortalecer o meu perfil.* (Professor Afonso)

O perfil do professor Afonso revela um jovem doutor que atua na Educação Superior com satisfação, visto que sempre teve como objetivo ser professor universitário, mas convivendo com os dilemas educacionais o que vai ao encontro das análises de Huberman (2007) para o ciclo de vida de início de carreira.

Em relação aos professores em início de carreira, seria interessante o apoio das IES, a partir de eventos de formação continuada com vistas ao acompanhamento institucional, nesse sentido:

exercício da profissão e seu domínio não ocorrem por uma transferência direta de sabedoria divina. Não se pode supor que um jovem que ingressa como professor na universidade já esteja preparado (mesmo que seja doutor e competente em pesquisa) para enfrentar a docência [...]. (ZABALZA, 2004, p.141)

### **5.1.2. Meio de carreira**

Considere os professores que têm entre 5 e 20 anos de atuação na docência universitária como integrantes da etapa meio de carreira. Gostaria de destacar novamente que, nessa etapa, Huberman (2007) e Gonçalves (2007) apresentam várias subetapas, a partir do ciclo profissional: estabilidade, divergência, pôr-se em questão<sup>1</sup> e serenidade.

Dez professores encontravam-se no meio de carreira e, em vez de buscar generalizações entre eles, optei por descrever o perfil de cada um, a fim de ser mais fiel com as narrativas individuais.

#### **5.1.2.1. Estabilidade**

O professor Ronaldo tem 43 anos e fez Licenciatura Curta em Ciências e Matemática pela UNAMA, Licenciatura Plena em Matemática e Engenharia Civil pela UFPA, cursou mestrado e doutorado na área de Geofísica, também na UFPA.

O professor Ronaldo demonstrou ser simpático, alegre e falante. Na entrevista, ele foi muito detalhista ao compartilhar sua trajetória. Como projetos

---

<sup>1</sup> Outra etapa identificada por Huberman (2007) no meio de carreira entre o 15 e 25 anos de docência é a fase de pôr-se em questão, que é caracterizada pela sensação de rotina e crise existencial diante da carreira, a partir de um balanço de sua vida profissional. Não identifiquei essas características em nenhum dos entrevistados.

para o futuro, afirmou que pretende consolidar academicamente seu título de doutor, conforme relato abaixo:

*Eu tenho um sonho, não sei até que preço esse sonho vai, eu quero entrar num programa de pós-graduação e formar outro mestre e outro doutor, formar, [...] atuar na pós, é um sonho que eu tenho, formar outro doutor. (Professor Ronaldo)*

O professor vem de uma família de funcionários públicos com nível de escolaridade até o Ensino Médio; além disso, tem duas tias que foram professoras primárias.

O lazer preferido do professor Ronaldo é ficar com as filhas e incentivá-las a estudar, além de conversar, passear, ir à praia. Ele pouco assiste à televisão, e, quando assiste, gosta de ver jornal, prefere, no entanto, locar filmes. No que diz respeito ao uso da *internet*, o professor a considera essencial e a principal ferramenta de contato e acesso a bancos de teses.

Ao falar acerca das lembranças de seus professores, o professor Ronaldo afirmou que foi marcado pelos defeitos dos mesmos e entre as lembranças ruins citou um professor da universidade que tinha o péssimo hábito de pular unidades do conteúdo, e o convívio com esse professor levou Ronaldo a se dedicar mais aos estudos, a fim de superar as dificuldades de aprendizagem. Essa lembrança foi assim destacada:

*[...] ele me afetou negativamente, de um lado, depois eu tive que me corrigir, a própria vida me ensinou, eu perdi o emprego por causa disso, por causa da metodologia dele, então eu achei bonito, que eu aprendi de um modo muito ríspido de estudar. (Professor Ronaldo)*

O professor Ronaldo tem experiência de docência no Ensino Médio e ingressou na docência universitária em 2003 por meio de um contrato temporário na UNAMA e, em 2005, ingressou na UEPA como professor efetivo.

O professor já atuou como coordenador do Curso de Matemática, na modalidade de graduação a distância e, atualmente, coordena os cursos de especialização na área da educação. Em relação a essas funções, falou:

*[...] a administração superior, eu vejo que os professores eles são na verdade a chave mestra, isso ficou bem ciente, das oportunidades dos alunos, se você não se esforçar, não de esmerar, na verdade os alunos dependem de você, para eles terem a oportunidade, e eu acredito que essa entrada na administração, abre essa visão, imagine o professor que vem para a sala de aula e só dá aula, vai para a sua casa, vem só dá aula, só melhora a sua parte pedagógica, se ele tivesse ciência que ele é uma oportunidade para o aluno, além da sua prática pedagógica, ele vai se inserir em projeto, para deixar esse bom aluno, além de ele aprender a matéria, ele vai ter a chance de ser um bolsista, de escrever um artigo, porque eu quero lançar ele mais longe, e existe essa possibilidade e eu sou a o trampolim dele,*

*então a administração superior, bem que a titulação importa muito mais que a administração superior, a administração superior ela te abre esses olhos mais.* (Professor Ronaldo)

Como o professor Ronaldo atua há sete anos na docência universitária, encontra-se na fase de estabilidade que se caracteriza pelo comprometimento definitivo e tomada de responsabilidades, na qual ocorre o sentimento de pertencer a um corpo profissional e à independência, Huberman (2007, p.40) afirma que *estabilizar significa acentuar o seu grau de liberdade, as suas prerrogativas, o seu modo próprio de funcionamento*. Essa etapa é acompanhada pelo sentimento de competência pedagógica crescente, há uma preocupação maior com os objetivos didáticos, o que evidenciei quando o professor Ronaldo afirmou:

*[...] hoje, o aluno está mais exigente, ele exige uma didática que torne mais claro. O aluno tem aquela frase: ele quer saber “para que serve aquilo?”; “porque ele está aprendendo aquilo?” “porque que ele tem de estudar aquilo?” hoje eu preciso mais, sempre nas minhas aulas, eu já começo explicando para o aluno porque que ele tem que aprender, e onde ele vai usar aquilo, então o começo das minhas aulas, você precisa aprender isso por causa disso, então sempre quando eu começo a aula, eu começo explicando a razão dele estar estudando.* (Professor Ronaldo)

Huberman (2007) ressalta ainda que nessa etapa os professores consideram que estão mais preparados para enfrentar situação complexas e inesperadas. O que evidenciei na seguinte narrativa:

*Eu acho que agora eu sou um professor de maior qualidade; antigamente, eu não tinha qualidade nenhuma. Eu acho que eu chegava e metia o nível lá em cima, e quem quisesse, e na verdade eu fiz com eles, o que o mestrado e o doutorado faz com o aluno.* (Professor Ronaldo)

### **5.1.2.2. Diversificação**

Na fase de diversificação, encontram-se os professores que atuam de 8 a 15 anos na docência universitária. Assim, Beth e Sérgio são os docentes que integraram essa etapa.

A professora Beth tem 47 anos é graduada em Letras, em Língua Portuguesa e Língua Inglesa e tem mestrado em Linguística, pela UFPA. Ela foi a primeira que entrevistei, no decorrer da entrevista, ela foi muito centrada em suas respostas e demonstrou interesse na pesquisa.

Sua origem familiar é a seguinte, seu pai era comerciante e a mãe do lar, a escolaridade de seus pais foi até o Ensino Fundamental. Em relação aos familiares, a professora tem três cunhados que exercem a docência universitária.

A professora gosta de estar com a família e, aos domingos, ela frequenta uma igreja evangélica. Assiste à televisão todos os dias, principalmente, jornais, filmes e programas de humor. Usa a *internet* para correspondência e preparação de documentos, e não para preparar aulas, pois a prioridade para isso ainda recai sobre os livros. Realiza leitura diária, conforme relato abaixo:

*Como professora, sou leitora compulsiva, tenho que ser, são os livros que são específicos da minha área; como hobby, a leitura sempre me encantou, mesmo antes de eu aprender a ler, o mundo dos livros, o mundo letrado sempre me fascinou muito e particularmente eu li muitos livros evangélicos por conta de eu ser evangélica, fora a leitura diária da Bíblia, dos livros evangélicos, dos livros da minha área, leio bastantes revistas, jornal. (Professora Beth)*

Ao destacar as lembranças de seus antigos professores, recordou imediatamente a professora de Educação Infantil, a qual, segundo a professora Beth, contribuiu bastante para aquisição do encantamento pela cultura em geral. Entre as características dos professores que marcaram sua trajetória, ela citou a generosidade no compartilhar os conhecimentos.

Até o mestrado, a professora Beth não possuía aspirações à docência universitária, conforme relato a seguir:

*[...] na realidade, até quando eu estava terminando o mestrado, eu ainda tinha a esperança de que eu não seria professora sempre me interessou a área da pesquisa especificamente, eu ainda relutava, mas, ao terminar o mestrado, seis meses depois, em termos de tentar conciliar aquilo que eu queria fazer, que era a pesquisa, e o lugar melhor é a Universidade, porque você tem o tripé: ensino, extensão e pesquisa. (Professora Beth)*

O ingresso na Educação Superior ocorreu a partir do aviso de sua cunhada sobre o processo seletivo da UEPA para Professor Substituto. Foi aprovada na seleção em 2002 e, em 2007, foi efetivada. Desde 2003, tem atuado esporadicamente na UNAMA e nunca exerceu funções administrativas na universidade. Seu projeto para o futuro é ingressar no doutorado.

O professor Sérgio tem 51 anos é licenciado em Filosofia pela Faculdade de Ciências e Letras do Estado de São Paulo, licenciado em Pedagogia, pela Universidade do Estado do Pará e especialista em Informática na Educação pela UEPA.

O professor pareceu ser muito ocupado, pois consegui entrevistá-lo somente na terceira tentativa, o tempo reduzido talvez seja devido à inserção do professor em funções administrativas; no momento da entrevista, ele exercia a função de Chefe de Departamento e, em relação à sua vivência administrativa destacou:

*Fui Diretor do Ensino Médio da Secretaria da Educação, fiquei na Secretaria de Educação como Diretor do Ensino Médio mais de quinze anos, depois eu fui diretor de uma escola, fui coordenador de um Departamento de Informática na Educação e fui Assessor de uma escola Agro-Industrial. Depois vim para a chefia do Departamento, isso a gente aprende muito, porque a gente aprende a se relacionar com os outros professores, a perceber que os alunos estão pensando sobre determinados professores e determinadas disciplinas e em determinado momento fazer a troca mais próxima dos professores, fazer troca de conhecimentos para que o andamento na sala de aula ele seja mais tranquilo, por outro lado o inverso também é verdadeiro, você acaba encontrando profissionais que são completamente descomprometidos e aí compromete não só o trabalho da sala de aula, quanto o funcionamento administrativo. (Professor Sérgio)*

O professor demonstrou ser muito centrado. No decorrer da entrevista ele manteve sempre o olhar para baixo, talvez como um reflexo da timidez. Como projetos para o futuro afirmou:

*Eu comecei o Mestrado e parei, então eu penso em retomar o meu Mestrado, continuar, e tenho que fazer o meu Doutorado e ver esse projeto que a gente está trabalhando se transformar em um grande programa no Estado do Pará. (Professor Sérgio)*

O pai (já falecido) do professor Sérgio era carpinteiro e trabalhava na fabricação de esquadrias e a mãe era do lar, ambos tinham o Ensino Médio. Na família do professor, há vários professores que atuam na Educação Básica.

O professor lê jornais todos os dias e artigos científicos pela *internet* e livros ligados a sua área de atuação. A *internet* é utilizada para consultar trabalhos atualizados e, todos os dias, o professor acessa essa ferramenta. Entre os lazeres preferidos, estão ouvir música popular paraense e brasileira e assistir televisão, principalmente desenhos animados.

Entre as lembranças dos professores, o professor Sérgio destacou que se lembra daqueles que possuíam:

*Segurança no conteúdo, bom relacionamento com a turma, planejamento das atividades, sabiam onde o conteúdo começava e onde terminava, sabiam dosar o conteúdo e tinham paciência com a turma para que a gente pudesse realmente aprender. (Professor Sérgio)*



Desde a graduação, o professor já sabia que iria enveredar pela carreira universitária, pois, no decorrer da graduação, sempre se destacava e ajudava os professores. Em 1998, ingressou na UEPA como professor efetivo.

A fase de divergência ou diversificação é aquela, segundo Huberman (2007, p.41), na qual *as pessoas lançam-se, então, numa pequena série de experiências pessoais, diversificando o material didático, os modos de avaliação, a forma de agrupar os alunos, as sequências do programa*. Os professores nessa fase estão mais motivados, dinâmicos e empenhados.

A partir dos relatos dos professores Beth e Sérgio, pude constatar alguns dos elementos apontados por esse autor como inerentes à fase de diversificação. Esses aspectos foram revelados pelos professores que integram essa etapa, a professora Beth afirmou que a pesquisa dinamiza sua ação docente, ao afirmar que realiza *a pesquisa, árdua pesquisa de materiais, daquilo que está sendo veiculado de novo dentro das áreas com que a gente trabalha, muita pesquisa*. (Professora Beth)

Esse dinamismo também é expresso por Sérgio ao revelar:

*[...] todo dia é novo e, como todo dia é novo, eu procuro encarar sempre com o conhecimento novo, com uma contribuição nova; as turmas são diferentes, os alunos são diferentes, os colegas parecem ser os mesmos, mas não são os mesmos, todos os dias tem algo novo para se construir*. (Professor Sérgio)

### **5.1.2.3. Serenidade**

Na fase de serenidade, estão os professores que possuem entre 15 e 20 anos de tempo de serviço na universidade. Assim, Sandro, Rosa, Mônica, Hélio, Mauro e Renato estão nessa fase.

O professor Sandro tem 44 anos, é graduado em Matemática pela UNAMA, com especialização em Matemática do Ensino Superior pela PUC-MG e mestrado em Geofísica pela UFPA. Na sua família, ele é o primeiro professor, seu pai era artífice e sua mãe do lar, a escolaridade dos pais é até o Ensino Fundamental, mas o professor ressaltou que a escolaridade baixa dos pais não ofuscou a lição dada aos filhos de terem na vida o estudo como obrigação.

Mostrou-se muito simpático e falante, foi gentil ao agendar a entrevista de pronto. Ele é muito ocupado, pois exerce a função de vice-diretor do CCSE, e em relação aos cargos administrativos ressaltou:

*[...] eu comecei na UEPA como coordenador, depois passei dois anos como coordenador no curso de graduação, aí saí para fazer o mestrado, retornei, fui chefe de departamento quatro anos, e agora eu estou como vice-diretor e já fui coordenador de um curso de especialização [...] eu sinto assim com sinceridade, eu acho que em termos de docência eu acabei ficando um pouco preguiçoso, quando assumi a gestão, entendeu, a gestão suga tanto da gente, que a gente acaba não fazendo mais aquilo que a gente gosta, que é está pesquisando, melhorando as aulas, eu acho que eu preciso realmente dá uma atenção maior, eu acho que isso aí é o mais diferente, (até pelo tempo), pelo tempo, isso mudou. (Professor Sandro)*

Como projetos para o futuro, o professor mencionou que:

*[...] é justamente fazer o doutorado, terminar o meu doutorado, voltar como pesquisador e implantar o nosso primeiro mestrado em Matemática, esse é um desejo, esse é um objetivo nosso, meu pessoal para a gente justamente crescer mais, como universidade, como departamento, esse é o meu objetivo, agora é o meu sonho. (Professor Sandro)*

O professor Sandro tem como lazer preferido estar e brincar com seus filhos. Ele assiste jornal, reportagens científicas e filmes na televisão. Em relação à *internet*, ele se considera um usuário moderado, às vezes, recorre para pesquisar. A leitura é diária e gira em torno dos livros de Matemática, às vezes, nos finais de semana lê revistas e jornais.

As lembranças de seus professores ficaram em torno de uma professora do Ensino Fundamental que, apesar de ministrar todas as matérias, acabava por priorizar a Matemática, o que cativava o professor Sandro, que acredita que essa professora marcou e provocou nele o trilhar pelo caminho da Matemática.

O professor Sandro possui experiência no Ensino Fundamental e Médio e sempre teve vontade de ser professor universitário, o que se tornou realidade em 1993 quando ingressou na UFPA, como professor substituto. Na UEPA, ingressou como professor substituto em 1996 e, em 1998, prestou concurso para efetivo e foi aprovado.

A professora Rosa tem 46 anos é licenciada plena em Pedagogia pela UNAMA, cursou Especialização na UFPA, em Planejamento, Currículo e Avaliação na Educação Básica, fez mestrado em Gestão e Docência na Educação Superior, na UNAMA e cursa doutorado em Educação na Universidade Autônoma de Assunção. A professora Rosa vem de uma família com tradição no magistério, seu pai era formado em Direito e História e sua mãe cursou até o Ensino Médio.

A professora Rosa é muito simpática e, no decorrer da entrevista, demonstrou alegria e conhecimento da universidade, em relação às funções administrativas que exerceu, destacou:

*[...] fui oito anos diretora do Centro de Ciências Sociais e Educação na UEPA, na verdade eu fui dois anos, chefe de Departamento na UEPA, depois eu fui dois anos sub-Coordenadora do Curso de Pedagogia, e depois, oito anos Diretora do Centro de Ciências Sociais e Educação, somaram 12 anos em funções administrativas, porém em nenhum momento deixei a docência, pois penso que a função administrativa tem que ser trabalhada associada à docência, entendo que um bom Gestor dentro da academia só vai conseguir entender a academia se também estiver na sala de aula, porque ele consegue fazer esse paralelo, entre a gestão e a docência, porque se estivermos só na docência, vamos perder a visão das necessidades administrativas para que a docência aconteça, e se nós tivermos só na Gestão, não vamos entender as necessidades que a docência precisa de uma boa gestão, então, precisam estar de mãos dadas; especialmente no Ensino Superior, até para você poder melhorar o seu diálogo, como professora, como gestora, com a comunidade, alunos, professores, funcionários e a gestores. Acredito ser essencial, para mim foi fundamental. (Professora Rosa)*

Sua atividade de leitura é diária, geralmente vinculada à sua área, assim como de jornais e revistas, mas confessa que lê mais as legislações educacionais. Seu lazer preferido é dançar, ir às festas e conversar com amigos. Em relação à televisão, ela não assiste, mas só consegue estudar com a televisão ligada, isto é, ouvindo.

A professora usa muito a *internet* para pesquisas, para preparar aulas e corrigir trabalhos de alunos. Em relação à lembrança de professores, a professora Rosa destacou sua professora de didática do curso de magistério, por ter metodologia, a partir do domínio de classe. Diante disso a professora afirmou:

*[...] eu admiro muito o professor que tem formação pedagógica, tem o domínio de conteúdo e metodológico. Penso que domínio de conteúdo todos podem ter, mas, o domínio do fazer pedagógico, nem todos tem. (Professora Rosa)*

O ingresso da professora Rosa no magistério ocorreu em 1993 na UEPA e, desde 2005, atua também em uma IES privada.

A professora Mônica tem 50 anos possui graduação em Letras pela UFPA, especialização em Língua Portuguesa na Universidade Estadual do Ceará, mestrado em Linguística na UFPA e doutorado na mesma área pela USP.

Como todos os doutores da UEPA, a professora Mônica é muito ocupada; ela é docente do Programa de Mestrado e, ao falar acerca de suas atividades, na universidade, afirmou:

*[...] eu acho que a gente paga um preço muito alto para ser professor universitário, me exige muito, eu reclamo e tenho reclamado no Mestrado [...] a*

*academia me exige demais, ela me exige tudo, ela suga, ela exige que eu leia, ela exige que eu produza, ela exige que eu oriente, ela exige que eu mande artigo não sei para onde, que eu organize Evento, sabe, que eu dê aula, eu acho muita exigência para o pouco salário que a gente ganha, eu acho um desgaste muito grande, eu acho; eu gosto de ser professora. (Professora Mônica)*

Além da docência, a professora exerce função administrativa. Acerca dessa função definiu:

*Coordeno [...] um setor que apoia o ensino, a pesquisa, a extensão, [...], na verdade, o fato de eu ser professora faz-me compreender muito a questão do funcionamento da COAD, e também compreender esse funcionamento que favorece a Docência; tanto é que quando eu entro em sala de aula, hoje, eu falo para os alunos da importância deles fazerem um Mestrado, um Doutorado, justamente porque eu coordeno o setor que tem essa preocupação. (Professora Mônica)*

A professora vem de uma família na qual o pai era eletricitista e tinha o Ensino Médio e a mãe era do lar e estudou até a quarta-série do Ensino Fundamental. É a primeira e única professora da família. Ela destacou que se considera privilegiada por vir de uma família na qual os pais não tinham nível superior e, apesar disso, ela conseguiu chegar ao doutorado.

Em relação aos aspectos culturais, a professora Mônica afirma que sua vida é ler e ela realiza leituras de tudo (revista da novela, gibi, Caras, livros, etc.) Seu lazer preferido está em ir jantar num bom restaurante, mas a professora comentou que não tem tempo para lazer, pois nos fins de semana realiza leituras para correção de trabalhos. A professora não assiste televisão todos os dias, mas só dorme com a televisão ligada. Ela gosta de novelas e filmes inteligentes, principalmente os de investigação.

Ela recordou de uma professora do Ensino Fundamental que a chamava de menina dos cachos:

*[...] eu lembro que ela mandava ler em voz alta, por isso que hoje, inclusive, tem coisa que eu valorizo a leitura em voz alta; eu achava tão bonito aquilo, ela todo dia ela trazia os papeizinhos, assim, mas eram versículos da Bíblia, mas, na época eu não sabia que eram os versículos da Bíblia, e ela era evangélica [...] e todos os dias eu queria ler, queria ouvir a voz dela, mas tinha dia que ela não me chamava, ela chamava de cinco em cinco, aí eu ficava aborrecida, mas, é uma professora, assim, que hoje, quando eu lembro essa questão da leitura, e tal, quando os alunos estão lendo em voz alta, que eles tropeçam na pontuação, acho engraçado, eu me lembro muito dela, como isso era importante o professor, nós perdemos na escola essa questão da voz, da leitura oral. (Professora Mônica)*

A professora teve experiência no Ensino Fundamental e afirmou que não tinha aspirações para ser professora universitária, na verdade, nem tinha aspirações ao magistério, conforme relato a seguir:

*[...] eu queria ser advogada, era o meu sonho, mas a mamãe encheu tanto o meu “saco”, eu aprendi a gostar do magistério na marra [...] o sonho da minha mãe era ter uma filha professora, uma filha costureira, e aí eu fui, eu na verdade detestava estar no magistério, fui fazer obrigada para satisfazer a ela, fiz o magistério [...] na verdade eu queria estudar, eu nunca sonhei ser professora universitária. (Professora Mônica)*

Apesar de não ter aspirações à docência universitária, desde 1992, atua como docente efetiva da UEPA e da UNAMA e esse ingresso na universidade, segundo a professora, ocorreu como consequência da pós-graduação.

A professora utiliza a *internet* para acessar e-mail e considera perda de tempo programas como *msn*, *Orkut*. Para preparar aulas, considera os livros como fontes essenciais, e não a *internet*.

Em relação aos sonhos ainda não realizados, destacou:

*[...] o meu sonho é viajar num navio para assistir o Roberto Carlos, é o meu sonho, é verdade por que eu gosto muito dele, agora assim, na academia, olha, eu me sinto uma pessoa, assim, privilegiada academicamente, eu vim de uma família, que, tenho vários irmãos que tem curso superior, mas, meus pais não têm, então, eu cheguei ao Doutorado, eu tenho duas filhas, por exemplo, eu acho que a vida para as condições familiar que eu tinha, eu acho que eu consegui muita coisa [...] o grande sonho que eu tenho também, atualmente eu queria trabalhar menos, trabalhar menos assim, ter uma carga horária menor, produzir com qualidade [...] eu tenho bens necessários, eu me sinto uma pessoa realizada profissionalmente e eu nunca imaginei, te confesso assim, eu não sou uma pessoa ambiciosa de querer, engraçado, tudo na minha vida aconteceu muito assim ao acaso, e hoje em dia eu acho que consegui muito, muitas coisas para família que eu tinha. (Professora Mônica)*

O professor Hélio tem 47 anos é licenciado em Ciências do Primeiro Grau pela UFPA e licenciado em Matemática pela UFPA, tem especialização em Ensino de Ciências pela mesma Universidade e especialização em Matemática Pura também pela UFPA. Possui Mestrado pela UFPA e Doutorado em Educação, na área da Educação Matemática pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

Por exercer sua docência no programa de mestrado, o professor Hélio é muito ocupado, mas foi gentil em agendar a entrevista. Ele já desenvolveu várias funções administrativas na universidade e, nesse sentido, destacou:

*[...] eu já fiz de tudo nessa universidade (risos), fui Chefe do Departamento de Matemática e Estatística, duas vezes seguidas, fui coordenador do Curso de Matemática, já por três vezes, fui até Diretor de Centro, às vezes substituindo, em*

*momentos eventuais no tempo do professor Sérgio Sapuchay e alguns outros, fui coordenador de duas especializações, isso claro, participei de duas estatuintes da universidade, isso me permitiu ampliar a minha visão da academia os meandros da nossa universidade e agora como sou membro do Conselho Universitário, podendo enxergar a universidade mais plenamente. Mas também me permitiu mostrar quais eram os desafios nos cursos de formação de professores, desafios na capital, desafios no interior, que decisão de gestão tomar, que encaminhamentos fazer, isso foi muito importante. (Professor Hélio)*

O professor está no auge da produção na universidade e me surpreendeu quando revelou que tinha como sonhos:

*[...] eu oscilo entre a vontade de me aposentar e dar segmento, eu não sei o que vai acontecer quando chegar o tempo, mas se hoje eu me perguntasse, aí se eu pudesse, eu me aposentava, porque, eu comecei a trabalhar muito cedo, com dez anos de idade, aí eu estou um pouco cansado, em alguns momentos, eu queria poder, a burocracia é uma coisa que desgasta, o controle sobre a gente, a produção também, eu não sei se eu vou conseguir viver sem isso, também, mas, por enquanto se fosse hoje, eu queria ir para casa dormir. (Professor Hélio)*

Essa dúvida em relação aos sonhos, o desgaste e a vontade de aposentar-se apresentada pelo professor foram aspectos que me surpreenderam, não só porque sou testemunha da competência e envolvimento do professor Hélio com as questões da universidade, como também pelo professor estar no meio de carreira. Mas esse fato também foi evidenciado em outros estudos, os quais:

*identificaram grupos de docentes que, não tendo podido chegar tão longe quanto as suas ambições [...] desinvestem já no meio de carreira [...] as pessoas fogem dos horrores e decepções da vida social para ir cultivar o seu jardim [...] pelo fato de desejarem terminar sua carreira calmamente. (HUBERMAN, 2007, p.46)*

O professor Hélio vem de uma família, na qual o pai, já falecido, era comerciante e cursou o Ensino Fundamental até a quarta série e sua mãe era do lar e não tinha escolaridade.

Ele lê diariamente, principalmente os periódicos de sua área e jornais e, quando tem tempo, gosta de assistir a documentários na televisão. O lazer preferido do professor é ir à praia e ao cinema, mas, em geral, devido à falta de tempo, passa os finais de semana em casa e aproveita para estudar, planejar e produzir artigos.

O professor recordou positivamente de professores do Ensino Fundamental, como o de Biologia, que utilizava, como método, o desafio e, assim, fazia com que todos os alunos estudassem; o de Inglês, que sempre dialogava com a turma e utilizava métodos diferenciados em suas aulas; e um professor de Língua

Portuguesa que tornava o conteúdo mais interessante, pois tinha domínio do assunto e trocava ideias com a turma.

Lembrou ainda de outro professor de Língua Portuguesa como uma recordação ruim que não se constituiu em um exemplo como professor, visto que, segundo o professor Hélio, ele era horrível. No Ensino Médio, o professor recordou que seus professores demonstravam responsabilidade, compromisso e organização e influenciaram com essas qualidades o professor Hélio. No Nível Superior, os professores, alguns professores, usavam métodos para pressionar o estudo dos alunos, mas, em geral, foram éticos.

A vontade do professor Hélio era ser um biólogo, um botânico, mas:

*Na sétima série, graças ao meu irmão, eu estava enrolado com produtos notáveis, eu não conseguia decorar isso, todo mundo diz que eu tenho uma boa memória, mas eu não tinha uma boa memória nessa época, eu não gostava de decorar nada, na verdade, eu decoro fácil, mas quando eu quero e tenho que decorar [...] aí eu cheguei com o meu irmão e disse — puxa eu não consigo depreender isso aqui, decorar isso aqui, e ele respondeu não tem que decorar, basta tu fazer uma multiplicação, assim, e mostrou como é que era [...] ele me explicou, aí eu descobri que em Matemática sempre era possível explicar as coisas, bem, daí para cá deu no que deu. (Professor Hélio)*

O professor Hélio tem experiência de docência no Ensino Fundamental e Médio, assim como na monitoria na UFPA. Em 1990, ingressou na docência universitária em um centro universitário, por meio de indicação, onde atuou até 2000. Ingressou ainda na UNAMA no mesmo ano e na UEPA prestou concurso em 1992.

A internet é usada pelo professor como uma ferramenta de correspondência, mas, para preparar aulas dificilmente, pois prefere usar textos básicos ou produzidos por ele.

O professor Mauro tem 45 anos, é licenciado em Arquitetura e Urbanismo pela UNAMA e em Educação Artística pela UFPA, formações que ocorreram paralelamente, possui especialização em Docência no Ensino Superior, pela UNAMA, mestrado em Planejamento do Desenvolvimento pela UFPA e curso doutorado em Educação Científica em Matemática, na UFPA.

O professor mostrou-se falante e atencioso, está em licença parcial, por esse motivo, foi um pouco difícil agendar a entrevista, mas, no decorrer da mesma, o professor foi generoso nos detalhes.

O pai do professor Mauro exerceu a função de portuário e tinha o Ensino Médio incompleto e sua mãe, já falecida, era normalista e, posteriormente, atuou

como professora do Ensino Fundamental. A família do professor tem uma tradição de educadores, contadores de histórias e jornalistas.

O professor Mauro gosta muito de ler e entre suas leituras favoritas estão os jornais e revistas científicas. Nos finais de semana, tem como lazer a prática da corrida, prática que realiza desde 26 anos, classifica como lazer ainda o trabalho religioso assistencial que faz na Basílica de Nazaré, no qual visita famílias carentes, hospitais, além de reunir-se com outros membros da igreja.

Afirmou assistir ao noticiário na televisão de maneira ocasional, principalmente na sala dos professores. E usa a *internet* como fonte de informação. Considera-se usuário ferrenho da *internet*, pois, em sua área, ela propicia a visibilidade dos materiais.

Lembrou com carinho dos professores de artes que sempre conheciam suas características e exploravam suas habilidades para além do conteúdo. Lembra ainda da professora de Geografia no Ensino Médio que era a mais rigorosa da escola, mas que tinha uma grande visão e capacidade para comunicar-se com os alunos e estimulava a pesquisa. O professor Mauro lembra-se de suas qualidades como aluno:

*[...]eu sempre fui um aluno que nunca fiquei restrito no que o professor passava, o que o professor ensinava, sempre buscava outras informações para poder desenvolver e nas escolas que eu passei sempre eu fui conhecido, desenhista, até por ganhar esses concursos todos, desenhar. (Professor Mauro)*

Ao concluir o curso de graduação em Arquitetura, em 1990, o professor Mauro ingressou na Educação Superior por meio de convite, mediante análise do currículo e simulação de aula. Em 2005, ingressou como professor efetivo da UEPA e em 2007 da Faculdade de Estudos Avançados do Pará (FEAPA). Destaco que o professor não atuou em outros níveis de ensino e nunca exerceu funções administrativas, pois segundo ele sempre priorizou sua formação.

Ao falar de seus projetos para o futuro, o professor declarou:

*[...] eu tenho um projeto que é um tanto ambicioso, mas, eu não sei se posso fazer agora, eu tenho interesse em desenvolver essa minha tese, eu queria divulgar em forma de livro, eu queria publicar um livro específico sobre ela, sobre o assunto que ela aborda e também pretendo desenvolver, eu não sei se em continuidade a isso buscando na mesma linha, mas de outra maneira desenvolver, a questão do conhecimento etnográfico do desenho e do raciocínio matemático, então talvez, ao nível de pós-doutoramento, mais tarde. Então, eu penso assim para o futuro para desenvolver, eu penso que eu nunca posso ficar fora da sala de aula e sempre a gente está se renovando buscando informações. (Professor Mauro)*



O professor Renato tem 53 anos, é bacharel e especialista em Arquitetura pela UFPA, cursa mestrado em Engenharia Mecânica na UFPA. O professor vem de uma família na qual o pai era bancário do Banco do Brasil e cursou até o Nível Médio e sua mãe era do lar e cursou até o Nível Fundamental. Em sua família, só há uma irmã que é professora.

Ele foi alegre e generoso no compartilhar de sua trajetória. Ele realiza leituras diárias de artigos, livros de teoria musical e revistas. Toca bandolim, atividade que leva a sério. O lazer preferido é ficar sem compromisso e, a partir daí, fazer o que tiver vontade: ver televisão, ler um livro, tocar, ouvir música, assistir a filmes ou conversar com os amigos.

O professor lembrou com carinho dos professores de Matemática do Ensino Fundamental, que trabalhavam de forma acessível os conteúdos e os de Português, que abordavam a gramática com praticidade e somente depois falavam da teoria. Esses professores tinham a qualidade de trabalhar a transmissão de conteúdos de forma prática, no dia a dia. Lembrou ainda do professor de desenho e disse que se espelha nele, pois foi ele que lançou as bases que utiliza até hoje.

Na graduação, recordou do professor de Arquitetura, que abordou os mínimos detalhes na ação de projetar e do professor de Desenho, que adotava uma metodologia, na qual o conteúdo era simplificado e todos o entendiam:

*[...] conseguia simplificar, conseguia também transmitir de forma muito didática, de tal maneira que qualquer um, de qualquer outro curso, inclusive esse pessoal que tinha medo, fazia com ele e tinha bom proveito, da forma de ele ensinar me influenciou bastante. (Professor Renato)*

O professor Renato não tinha aspirações ao magistério, ele queria atuar como arquiteto, mas desistiu devido à falta de valorização profissional e o campo de trabalho do arquiteto ser limitado. A partir da oportunidade de cursar a especialização, momento em que tinha que expor trabalhos, houve a primeira ‘fiscada’, segundo o professor, do magistério. Ele começou:

*[...] a descobrir que transmitir um conhecimento, apresentar uma ideia, consistia em dominar um assunto e organizar essas ideias; isso me dava certa segurança para enfrentar a turma. Quando começaram a aparecer concursos para professores eu me senti encorajado a fazê-los. Assim, em 1990, prestei o concurso da FEP, que depois se transformou em UEPA, e estamos na luta até hoje. A primeira aula que ministrei foi tranquila, me senti à vontade e nem fiquei de mãos frias. (Professor Renato)*

Ele afirmou usar a *internet* para acessar *e-mails* e acessar alguns *sites*; raramente é uma ferramenta para preparar aulas, pois, na preparação de suas aulas, usa outras fontes, principalmente livros.

A fase de serenidade, segundo Huberman (2007, p.44), ocorre a partir da fase de questionamentos, são serenos em sala de aula e menos vulneráveis a avaliações externas, é o momento que relatam *ter enfim chegado à situação de me aceitar tal como sou, e não como os outros me querem*. O autor afirma que nessa fase os níveis de ambição e investimento descem e as sensações de confiança e serenidade aumentam. Outra característica dessa fase é o distanciamento afetivo dos alunos.

Identifiquei no relato da professora Mônica, que possui 18 anos de experiência, a preocupação com a opinião dos outros, quando afirmou:

*[...] a própria exigência acadêmica, o pessoal fala que eu sou muito detalhista nas orientações, a minha aluna vai defender, eu falo que não é detalhista, eu falo assim, eu coloco um trabalho desses ali na estante, na Biblioteca, poxa, vem um colega meu e abre, essa mulher é Doutora, faço meu respeito aos meus colegas é uma obrigação moral minha.* (Professora Mônica)

A sensação de confiança da professora aparece ao afirmar:

*[...] quando estou na sala de aula, eu esqueço todos os problemas, engraçado, hoje, eu acho que eu sou uma boa professora, mas eu não entendo que sou uma boa professora se antes eu não queria ser professora, entendeste, eu não queria, mas, se eu sou, eu acho que eu tenho que ser boa.* (Professora Mônica)

E ainda nos seguintes relatos do Professor Hélio:

*[...] na Educação Superior o aluno tem de ser tratado de uma maneira diferente, mais autônoma, então, eu acho que isso foi uma coisa que aconteceu, agora é claro que quanto mais eu estudei, mais eu refinei os métodos, essas coisas, sempre também tive coragem para inovar, sempre correndo o risco de acertar de errar.*

*[...] as pessoas ficam receosas de fazerem comentários sobre comportamentos de alunos, ou sobre a forma como ele está escrevendo ou está falando porque pode melindrar, eu acho que eu não sei se é muito correto, porque ele vai terminar levando mais pra frente isso e chega à sala de aula dele como professor, ou como pessoa, mas isso é uma coisa que infelizmente só com o tempo, é uma questão de cada um, eu vou lá e digo, isso não está bom para ti, isso vai dar problema pra ti, tu estas escrevendo aí desse jeito, os alunos não vão entender, então é melhora isso, arruma, ou não fale desse jeito, não fale gritando, eu acho que esses detalhes são inerentes da profissão, e não estão previstos em nenhum lugar.*

### 5.1.3. Final de carreira

O final de carreira, segundo Huberman (2007), é caracterizado por etapas que podem ter características distintas como conservantismo, lamentações,

desinvestimento ou renovação do interesse. Considerei em final de carreira os docentes que atuavam há mais de vinte e três anos na docência universitária. Assim, entrevistei três professores: Waldemar, Tony e Otávio.

O Professor Waldemar tem 48 anos, é licenciado em Letras e especialista em Linguística pela UFPA. O professor relatou, com emoção, que sua mãe conheceu o seu pai quando esse vendia sela de cavalo na estação de trem de Castanhal. O pai do professor era vendedor e a mãe do lar, ambos com escolaridade até o Ensino Fundamental. Além dele, em sua família, há mais dois professores universitários, um sobrinho e uma prima.

O professor faz leituras de revistas, jornais, contos e romances, além de escrever poesias e contos. Como lazer, o professor gosta de ler livros de poesias, assistir a filmes para depois discutir com o filho, gosta também de cachorros, pois cria dois, um *podle toy* e um *labrador*, o que considera uma forma de relaxamento.

Outro lazer do professor é assistir televisão, pelo menos na hora do almoço, entre os seus programas favoritos estão: Big Brother Brasil, Fantástico, Jornal Nacional, jornal local e esporte.

O professor não recorre à *internet* para preparar suas aulas, e sim para checar *e-mails* e acessar *sites* internacionais.

Entre as lembranças de seus professores, o professor recorda que seus estudos ocorreram na época da ditadura militar, momento em que a educação adotava práticas autoritárias e a força física, por meio de palmatória. Nesse cenário destaca a professora da quarta série do Ensino Fundamental como uma professora altamente autoritária. Vale ressaltar a revolta e o aumento na entonação de voz do professor no momento que recordou dessa professora.

O professor Waldemar ingressou como professor efetivo da UEPA em 1987, momento que Waldemar classificou como de ingenuidade, empolgação e resposta a uma cobrança social, pois, como era muito jovem e recém-casado, sofria pressão social para ter uma função estável.

Em relação às funções administrativas, o professor revelou:

*Uma vez, eu fui o vice-chefe do departamento DLLT, uma única vez em 1996 para 1997. Gostaria de destacar que entrei na UEPA em 1987, ainda era a antiga FEP, tantas coisas aconteceram de lá pra cá, Governos e Governos [...] com essa experiência, eu percebi muito aquela parte burocrática, de muitos problemas a resolver, encaminhamentos, mas nada em relação com sala de aula, coisas separáveis. (Professor Waldemar)*

Como projetos para o futuro, o professor disse:

*Olha, é ter essa base na especialização para poder enriquecer o meu projeto de Mestrado que eu já tenho, eu fui reprovado porque eu não tenho essa base, pelo que eu estou tendo agora [...] Eu tenho aqueles sonhos linguísticos, eu estou estudando, agora, os idiomas europeus, Dinamarquês, Suecos e Norueguês, viajar futuramente para a universidade do Texas, que o meu filho Andro Felipe - 20 anos, que é professor de Inglês, além de roqueiro, esteve lá; ele tem um visto de cinco anos, ele quer me levar para entrar em contato com um grupo de teatro da Universidade do Texas e apoiar o meu filho com a banda de rock dele, porque ele toca aqui em Belém, no grupo Vinho Laranja, já tocou nos Estados Unidos e devagarzinho a gente vai pensando nos sonhos, gosto muito de cinema, teatro, poesias, escrever mais livros, me organizar. (Professor Waldemar)*

O professor Tony tem 59 anos possui graduação, especialização e mestrado em Letras pela UFPA. Vem de uma família tradicional, na qual o pai trabalhava fora de casa como balconista e cursou até o Ensino Fundamental e sua mãe ficava em casa cuidando dos afazeres domésticos, ela cursou até o Ensino Médio na Escola Normal. Lembra que sua mãe se orgulhava do diploma de professora e sempre mencionava um tio que prezava muito que também era professor.

Ele declarou gostar de ler diariamente contos, artigos e possui uma biblioteca com cerca de cinco mil obras, atualmente gosta de ler as opiniões dos artistas sobre artes. O professor ressaltou que, de uns cinco anos para cá, tem uma atitude mais seletiva do que vai ler, pois não quer perder tempo com leituras que não interessam a ele. Enfim, o professor assim define sua relação com a arte: *as artes, em geral, são a minha vida, é a minha motivação para existir, tirando isso, ia ser dureza. (Professor Tony)*

Seu lazer preferido é ouvir músicas, principalmente a erudita; nesse contexto, o professor relata abaixo a convivência com a música diante da complexidade de estilos musicais, na vila que mora:

*O meu lazer preferido é ouvir músicas, da música erudita em diante, eu quase que nem ouço Música Popular Brasileira, eu ouço uma vez, ontem eu estava ouvindo o Chico cantar com a Nara, uma música do Sivuca [...] O meu fim de semana é isso, é tentar não provocar o pessoal da vila, a minha vila é muito democrática, eu ouço música erudita e jazz; do lado, a senhora, que é Mãe de Santo, ouve ponto de Umbanda; na outra casa, que são três do meu lado, ouve “tecnobrega”; o seu Batista ouve “sertanejo” de quinta categoria, não o autêntico; no meio, o pessoal que gosta de pagode e, bem na frente da minha, um senhor que entra no carro, o carro dele, liga, põe um som altíssimo, e ele ouve “house”, esta música Tom, Tom [...] eu comprei um fone desses de controle remoto, o meu filho que me indicou, nem sabia que existia, aí eu coloco, ando pela casa toda, não coloco em ninguém, está entendendo, não ouço; eles não se incomodam, eles conseguem aturar um a música do outro, mas eles não aturariam a minha e eu não aturo a deles. (Professor Tony)*

As lembranças de seus antigos professores estão ligadas mais àqueles de sua área de interesse, assim recorda do professor do Ensino Médio que o fez entender análise sintática e afirmou *era bem falante, ele articulava bem as palavras, tinha um domínio de classe muito legal, isso me impressionou muito, tanto que pelo resto da vida.* (Professor Tony)

O professor Tony disse assistir pouco à televisão, não gosta de novelas nem de programas humorísticos, atualmente assiste ao programa Observatório da Imprensa. Em relação à *internet*, não se considera usuário ferrenho, utiliza para *e-mails* e imprimir artigos de sua área, mas, na preparação das aulas, usa os livros.

O professor ressaltou ter ingressado no magistério superior como docente efetivo da UEPA em 1987, segundo ele, por certa influência de sua mãe, mas principalmente pelo fato de ter um grupo de amigos que gostava de ler obras literárias e o curso que dava essa possibilidade de continuar trabalhando com a literatura era o de Letras, a opção, segundo o professor não foi pelo magistério, e sim pela leitura.

Atualmente, além da docência, o professor é Coordenador do Curso de Especialização em Letras, e revelou que se sente muito à vontade, nessa função. Como projetos para o futuro, destacou:

*Eu quero escrever essa História da Estética da Literatura Brasileira e quero pontuar algumas discussões sobre arte, me impressionei com Filosofia, Estética dentro da filosofia e lidar com a literatura, então, eu tenho um sonho de abrir um debate um dia [...] eu pensei entrar nesse doutorado para escrever um texto sobre isso, agora que estou aposentado, quando surgir a outra oportunidade, mesmo que seja em educação para escrever sobre isso, entendeu, quer dizer, uma discussão curricular, uma reformulação curricular, acho que isso é uma ideia que dá um caldo legal aí eu iria para escrever sobre isso, porque estava dentro do meu foco de interesse aí eu toparia fazer o Doutorado se ele fosse oferecido aqui.* (Professor Tony)

O professor Otávio tem 69 anos, é bacharel em Matemática pela UFPA, possui mestrado em Matemática pela PUC/RJ e doutorado na mesma área pela UFPA. O professor vem de uma família muito pobre: seu pai era telegrafista e sua mãe do lar. Em relação à sua mãe, o professor lembra com carinho:

*A minha mãe não tinha curso superior, só tinha o primeiro grau, mas ela lia muito, ela era doméstica, mas ela era capaz de falar coisas que até hoje eu lembro, citando autores que, naquela época, ela lia demais, gostava de ler e isso me influenciou sempre. E ela dizia, não adianta trabalhar, tem que estudar e me colocava para frente, sempre apoiando como podia.* (Professor Otávio)

Na família, o professor Otávio é o primeiro professor, ele possui dois irmãos que, após ele, se tornaram professores. Ele queria ser médico, mas isso exigia que a família tivesse recursos financeiros, que não era o caso, assim optou por cursar Matemática de que também gostava.

Ele costuma ler pelo menos um livro por mês e, diariamente, lê jornal e revistas. O professor declarou não ter o hábito de assistir à televisão, mas, quando assiste, gosta de filmes e jornais. O professor sempre praticou esporte, hoje, seu lazer preferido é jogar voleibol, pois admira a coletividade nesse esporte.

Os professores de que lembra são os da graduação que dominavam o conteúdo e os que adotavam metodologias que facilitavam a aprendizagem dos alunos. E nesse contexto, destaca um professor em particular:

*O Professor Renato Condurú, esse foi um professor que me influenciou de uma maneira muito grande para que eu continuasse estudando Matemática, ele era um professor espetacular não era pós-graduado, era engenheiro, mas foi um dos melhores professores que eu já encontrei, mesmo no meu curso de mestrado, de pós-graduação, eu não encontrei melhores professores do que o Renato. Renato Condurú foi um dos melhores professores, já é falecido, então o Renato me orientou, me guiou para que eu ficasse como professor universitário. (Professor Otávio)*

O professor Otávio atuou como técnico de natação. Em 1965, ingressou na UFPA como professor universitário. Em relação às aulas, os livros são as principais fontes para planejamento, a *internet* é utilizada pelo professor para *e-mails* e troca de ideias com outros professores, assim como para consultar editoras acerca das obras de sua área.

A função administrativa sempre esteve na trajetória do professor que relatou:

*[...] quando eu exerci a parte administrativa, eu já tinha lecionado há muito tempo, digo assim, a minha cabeça, saí para fazer pós-graduação e voltei, já depois com pós-graduação é que eu comecei a parte administrativa, eu acho que ela não impactou, não criou problemas para a minha formação de professor, nem na minha atitude como professor, mas criou problema na minha atitude de pesquisador, eu não tinha mais tempo de continuar a estudar para pesquisar, quer dizer que o meu Mestrado e Doutorado, só serviram para que eu desse aula, eu comecei uma pesquisa, depois eu larguei, tenho só um trabalho publicado. (Professor Otávio)*

Os projetos para o futuro estão ainda sob análise, pois o professor afirmou que:

*Não sei lhe dizer ainda o que é que eu vou fazer, porque aconteceu o seguinte: eu passei um tempo como administrador, praticamente 10 anos como Diretor do Centro Tecnológico da UEPA, então como eu lhe disse, eu me afastei da pesquisa,*

*fiquei no ensino [...] eu tenho convite para assumir a Direção de uma Faculdade que querem formar, de um amigo meu quer formar e me convidou para assumir a Direção, mas eu ainda não dei resposta.* (Professor Otávio)

A partir da análise das narrativas dos três professores que estão em fim de carreira, não percebi a busca pela aposentadoria nem atitudes de queixas acerca dos alunos, dos colegas mais jovens e da política educacional, atitude apontada por Huberman (2007), como uma das características evidenciadas nessa etapa. Ou seja, não presenciei o desinvestimento, característica da fase de encerramento da carreira, essa ausência foi pontuada também por Veiga (2007), ao investigar um grupo de professores aposentados da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília.

Em relação à nostalgia ao passado, também mencionada por esse autor, não identifiquei nos professores Waldemar e Tony, pelo contrário, percebi nesses professores a vontade de aprender coisas novas e investir na formação, por meio da pós-graduação e muita empolgação com o fazer docente, conforme relato a seguir:

*[...] eu estive recentemente, tem um grupo de pesquisa sobre o Romance do Vento, de Dalcídio Jurandir, que todo sábado se reúne, os meninos estão lendo os textos a teóricos e depois apresentando, depois eles vão fazer análises das obras e depois a gente vai discutir para tentar uma publicação, eu cheguei a um estágio que eu quero que eles façam um texto bonito, eu não estou pensando em mim, acho que ficou legal que eu tivesse começado a fazer isso dos cinquenta aos sessenta anos, porque se eu fizesse isso entre os vinte e os trinta eu diria que eu queria aparecer, entendeu, eu não tenho mais interesse mais, nenhum, nenhum, eu vou adorar se eles fizerem análises bonitas de ter o livro apresentando etc.e tal, é claro que eu vou ter um capítulo, discutir as coisas e vou me esforçar para estar no nível deles, porque eles são bons também é estimulante, entendeu [...] eu acho que essa maturidade tem sido boa para eles, e tem sido boa para mim porque também, não quero aparecer, não quero ficar famoso, não tenho mais vontade, eu gosto de fazer o que estou fazendo, e fico muito feliz em ficar no que estou fazendo.* (Professor Tony)

Já o professor Otávio revelou certa nostalgia quanto ao passado, principalmente em relação à opção que fez pela administração superior em detrimento da pesquisa, ao falar do futuro demonstrou indefinição do que pretende realizar, mas revelou a paixão pela sala de aula. Não resistiu e, no final da entrevista, me deu o seguinte conselho:

*[...] que essa pesquisa que não pare aí, no seu Doutorado, que você continue estudando e progredindo na ciência, não siga a ideia que eu já citei, o meu doutorado terminou [...] mas eu não me considero mais um cientista, um matemático, eu não me considero mais, porque fiquei trabalhando na*

*administração, hoje, eu conheço mais Lei do que Matemática, porque eu sou obrigado a estudar, a ler as Leis para poder falar.* (Professor Otávio)

A interação com os professores em fim de carreira em nenhum momento transpareceu atitudes chatas, nostálgicas e velhas, pelo contrário, mostraram interesse e dinamismo nas respostas dadas, em geral, cheias de detalhes, comuns a quem tem muito a dizer, logo:

A idade cronológica demarca artificialmente a entrada na velhice quando se sabe que seu processo se inicia no começo da vida, desde o nascimento prolongando-se até a morte. Ser idosa significa anos de vida acumulados, o que nem sempre se identifica ou condiz com a situação de ser velho. A velhice é construída ao longo da vida, composta por vivências diversas. (LOUREIRO, 2007, p.82)

#### **5.1.4. Impressões acerca do perfil**

Diante das narrativas dos professores, pensei em como retirar impressões que denotassem achados importantes para pesquisa. Assim, ao tomar por base as 13 entrevistas pude fazer algumas constatações, as quais menciono a seguir.

A origem familiar é caracterizada, em sua grande maioria, pela baixa escolaridade dos pais, pois somente dois professores têm pai com nível superior, e esse dado foi surpresa para mim, pois apesar de meus pais também possuem escolaridade até o Ensino Médio, tinha, como ideia inicial que os professores fossem oriundos de famílias com nível superior.

Esse dado denota a mobilidade individual que ocorreu na vida dos professores em relação à de seus pais. Lahire (2007), ao abordar essa dissonância entre os perfis culturais, afirma que esses podem ser explicados:

[...] por situações de mobilidade social (o indivíduo não tem a mesma posição social dos pais), escolar (o indivíduo não tem o mesmo nível escolar dos pais ou aumentou seu próprio capital escolar por ter retomado os estudos) ou profissional (o indivíduo mudou de posição na hierarquia profissional). Se tais mobilidades, pequenas ou grandes, muitas vezes se traduzem por uma heterogeneidade das práticas e preferências culturais do ponto de vista de seu grau de legitimidade, é porque os indivíduos que tiveram essa experiência ocuparam posições diferentes nas hierarquias social, cultural ou profissional e, por isso, frequentaram ambientes socializadores ou agentes socializadores variados. (LAHIRE, 2007, p.802)

O predomínio da baixa escolaridade dos pais que identifiquei foi similar aos dados de Pereira (2006) que, ao tecer o perfil dos alunos dos cursos de licenciatura da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), identificou três grupos de situações caracterizadoras em relação ao nível de escolaridade dos pais



dos alunos dos cursos de licenciatura. No primeiro grupo formado pelos cursos noturnos, entre eles o de Matemática, houve predomínio da escolaridade mínima dos pais (máximo o primário completo).

O segundo grupo constituído dos cursos diurnos, nos quais a escolaridade identificada foi de Ensino Médio e Superior. E outro grupo com os cursos de Letras, Física noturno, Matemática diurno e Pedagogia diurno, a escolaridade dos pais variou entre o Ensino Fundamental completo e o Médio incompleto.

Em relação às aspirações para docência, para 5 professores, o magistério não se constituía em primeira opção.

A lembrança relatada acerca dos antigos professores veio à tona com carinho ou revolta, mas todos reconheceram que esses profissionais influenciam até hoje suas carreiras, negativa ou positivamente.

As atividades de lazer foram delineadas como momentos importantes, mas alguns professores ressaltaram que, infelizmente, não realizam o lazer que gostariam, devido principalmente à falta de tempo. Nesse sentido, é mister destacar a importância das atividades de lazer, visto que:

[...] quanto mais as sociedades ou os grupos sociais dentro das formações sociais exigem alto grau de tensão e de estresse da parte de seus membros, tanto mais certos lazeres tornam-se necessários para relaxar, na vida pública ou privada, as tensões. (LAHIRE, 2007, p.804)

Outro achado foi em relação à *internet*. Ficou patente que esse é um instrumento essencial para dois professores que têm até sete anos de docência universitária, esses consideram a *internet* uma ferramenta indispensável, inclusive para planejar suas aulas. Os demais utilizam a *internet*, mas esse uso ocorre para acessar *e-mails* e *sites*, uma vez que os livros ainda são a fonte principal para planejar. Logo, essa mídia está presente no cotidiano de todos os professores, inclusive na dos professores no final de carreira, o que eu, inicialmente, considerava que esses talvez não a utilizassem.

Com exceção do professor Otávio, de 69 anos, que já possui doutorado, e do professor Hélio, que revelou querer se aposentar, mesmo estando em meio de carreira, todos os outros professores direcionaram os sonhos para o futuro, vinculados ou à consolidação da carreira acadêmica com reconhecimento e qualidade ou ao ingresso em cursos de mestrado, para os especialistas e doutorado, para os mestres.

Essas aspirações profissionais foram semelhantes às obtidas por Veiga (2007) junto ao grupo de professores aposentados, os quais revelaram:

[...] perspectivas de continuidade e investimento pessoal e profissional - investir na formação continuada e novas aspirações, como pós-graduação [...] eles continuaram demonstrando a capacidade de perceber o caráter de incompletude que caracteriza o ser humano. (VEIGA, 2007, p.29)

A investigação das etapas de carreira revelou que, apesar de algumas diferenças entre os professores de início, meio e fim de carreira, todos demonstraram orgulho de serem professores universitários e continuam a contribuir com qualidade para a melhoria da formação de seus alunos.

## 5.2.

### Onde os Professores aprenderam a ser Professores?

Ao serem levados a refletirem sobre onde aprenderam a ensinar, as reações dos professores foram interessantes, uns riram, outros se concentraram, outros ironizaram (com a pergunta “e quem disse que eu sei?”). E emergiram duas tendências nas respostas dos professores.

#### 5.2.1.

#### Ensinar é um processo em construção

Os professores Afonso, que é o mais novo na docência universitária, e Beth consideraram que ainda não sabem ensinar, pois estão em construção como docentes, conforme depoimentos:

*Acho que estou aprendendo, ainda começando a aprender a ensinar, mas através de uma abordagem empírica, eu aprendo a ensinar, ensinando. Eu não tive curso de formação docente, eu nunca fui nem monitor antes de entrar na UNB, então a primeira experiência de aula foi a primeira aula que eu dei na UNB. E aí a observação que eu faço do comportamento dos alunos, da reação dos alunos, eu considero isso uma maneira de aprender e outra maneira é lendo os artigos da área de ensino, eu sempre leio muitas revistas da área de ensino de Física, Revista Brasileira do Ensino de Física, o Caderno Brasileiro do Ensino de Física e lá eu encontro trabalhos voltados para área do ensino e tento também me manter informado sobre as metodologias e as práticas, na área docente através desses materiais. (Professor Afonso)*

*Na realidade, o professor se constroi professor sendo professor, então eu ainda estou em processo de construção, a cada vez que eu entro na sala de aula para ministrar um conteúdo, eu estou me formando como professor, então a sala de aula é o meu lugar, durante a graduação você é aluno. (Professora Beth)*

Nessa ideia de construção encontram-se ainda os professores Ronaldo, Sandro, Mônica e Waldemar, que afirmaram ter aprendido com a experiência, na vida, de acordo com os relatos:

*Aprendi na vida, a própria vida; a sala de aula ensinou e, quando eu ingressei na UNAMA, eu errei a dose, [...] eu percebi que eu estava errado, que aquela não seria a forma, foi aí que eu aprendi, ele só me orientou como eu deveria fazer, quando eu voltei, apliquei em sala de aula, os conceitos que os alunos tinham de mim, mudaram da água para o vinho, eu comecei a me preocupar e a me atualizar a partir daquele princípio, e fui quase perdendo o emprego [...] a graduação e a pós, pouco contribui nessa parte da Docência, só contribui em nível de conhecimento. (Professor Ronaldo)*

*Na verdade, eu aprendi a dar aula, dando assim, porque, no meu primeiro emprego foi no Gentil, no Colégio Gentil, então eu aprendi a dar aula dando na convivência, mesmo; eu não aprendi a dar aula na escola, não aprendi a dar aula na Graduação, eu não aprendi a dar aula no IEP, eu não, eu aprendi a dar aula quando eu entrei na sala de aula. (Professora Mônica)*

Outro aspecto identificado por Cunha (2006a, p.262) em suas pesquisas é que:

Os professores universitários afirmam que aprendem fazendo, já que, na maioria dos casos, não viveram processos de formação específica para docência [...] suas fragilidades dizem respeito principalmente a saberes e competências do campo pedagógico, mas continuam a reforçar o território do conhecimento específico como principal esteio de sua docência.

Nesse sentido, Zabalza (2004) considera essa ideia usual de que *ensinar se aprende ensinando* como caracterizadora de uma visão não profissional da docência, pois dá a dimensão de que o ensino é uma ação prática que não pressupõe saberes específicos, e sim experiência e vocação. Esse autor defende o resgate da natureza profissional da atividade docente a partir de conhecimentos e habilidades específicas.

### **5.2.2. Na observação dos professores**

As análises de Pimenta e Anastasiou (2005); Borges (2004); Chamlian (2003); Montero (2001); e Leite et al. (1998) destacam que a formação dos professores não se encerra na sua preparação inicial, mas começa antes mesmo do início de sua carreira, já nos bancos escolares – quando, ainda como aluno, toma contato com seus primeiros exemplos de conduta docente - estendendo-se ao longo de toda sua carreira, em um processo de constante aperfeiçoamento.

E Cunha e Zanchet (2007), ao desenvolverem uma investigação em duas IES, identificaram que a construção da docência universitária é influenciada pelas experiências que os professores tiveram quando alunos.

Nesse sentido, Cunha e Zanchet (2007, p.190) destacam que *dimensões como entusiasmo, afeto e paixão aparecem no depoimento dos docentes, explicitando a relação que também identificavam nos seus professores*. Cunha (2006a) fala ainda que a docência envolve a reprodução cultural, pois o professor acaba por ensinar inspirado em seus antigos professores.

A esse respeito, identifiquei no relato de sete professores, a saber: Sérgio, Sandro, Hélio, Rosa, Mauro, Renato, Tony e Otávio, a presença do processo de observação e imitação dos antigos professores. Entre as narrativas identificadas, estão:

*Todo mundo aprende a ensinar, desde pequeno, dando aula, assistindo aula, de alguma forma, você é influenciado pelos seus professores e acho que esse é um ponto de difícil depois para você mudar de métodos, porque você aprendeu daquele jeito e acha que naturalmente os outros aprendem.* (Professor Hélio)

*Eu acho que foi um conjunto, a gente quando está estudando, todo professor, foi e é, continua sendo um aluno, a gente vai juntando, juntando aqueles pedacinhos naquele quebra cabeça, você se espelha, você vê, o modelo de professores que você teve, a forma que você gostaria de ensinar, acho que você vai observando isso, vai juntando e chegando à sua forma.* (Professor Renato)

*Eu aprendi a ensinar, na verdade, vendo os professores a me ensinar, porque os meus professores me ensinavam, eu acho que eu aprendi a ser didático vendo como ser didático, eu aprendi a cativar os meus alunos naquilo que eu gosto, porque eu percebi que, sobretudo esse é um ingrediente importante.* (Professor Tony)

Essa experiência, como aluno, torna-se relevante na prática pedagógica isolada e solitária<sup>2</sup> de alguns docentes universitários, pois serão a base para o estabelecimento de suas ações como professor. Esse isolamento também é abordado por Vasconcelos (1998) e Cunha (2007), ao destacarem que na carreira docente universitária, em geral, ocorre a valorização da meritocracia e da individualidade, em que o que é valorizado é o acúmulo do capital cultural e científico<sup>3</sup> do docente.

<sup>2</sup> Contraopondo-se a uma prática pedagógica na qual os professores possam efetivar trocas de experiências ou discussões sobre alternativas didáticas e ou formação de uma equipe de trabalho diante de um projeto institucional.

<sup>3</sup> Ao definir o campo científico, como lugar de luta política pela dominação científica, Bourdieu salienta que os pesquisadores investem na busca pela posse do capital, que o sistema escolar

Para Cunha (2007), os saberes para docência diferem dos saberes para pesquisa, ela ressalta que a pós-graduação propicia a aquisição dos saberes inerentes à pesquisa e os saberes para docência, em geral, emergem das experiências dos professores decorrentes da formação estudantil.

As narrativas de alguns docentes foram ao encontro das análises dessa autora; esse dado pode indicar que esses professores podem ter dificuldades para viabilizar práticas inovadoras, na medida em que, em geral, as experiências vividas, quando alunos, foram baseadas sob a dimensão ritualística. Assim, a formação continuada teria muito a contribuir no processo de identificação e autoavaliação dos saberes e práticas dos professores universitários.

### 5.3.

#### **Experiências marcantes: na formação e atuação**

Ao abordar as experiências formativas e de atuação que marcaram o percurso individual dos professores, houve uma grande variedade nas respostas, mas, a seguir, tentarei ressaltar os principais aspectos destacados.

Em nível de formação e atuação profissional, os professores destacaram vários momentos significativos, assim fiz uma avaliação preliminar do que predominou

Os professores especialistas destacaram as experiências a seguir: o professor Sérgio relatou a experiência formativa como professor alfabetizador de crianças da periferia de Belém. Essa experiência foi na Secretaria de Estado de Educação (SEDUC). Na esfera da atuação, destacou a amizade dos colegas e não recordou de nenhuma experiência.

O professor Renato não destacou nenhum momento de formação e disse que é o conjunto de situações que vão construindo o professor e isso é marcante. Na atuação, destacou sua participação anual no vestibular da UEPA.

E o professor Waldemar considerou o conhecimento da língua estrangeira como fator marcante em sua formação. Na atuação, destacou a docência no consórcio:

*A gente nunca esquece o ano de 2000, quando foi implementado o Consórcio, no Município de Redenção, Conceição do Araguaia, que nós tivemos a possibilidade*

---

confere sob forma de título e que gera prestígio, assim este título constitui-se em um capital universitário e científico.

*de sair das nossas casas, das nossas camas, pegar a estrada, elaborar um programa diferenciado e entrar em contato com aquelas pessoas simples, mas, com o objetivo de estudar, eu me lembro que na hora do recreio, todos chupando picolé, fora da sala de aula, não tinha merenda nada, mas estavam lá com aquele objetivo, eles queriam aquilo mesmo, aquelas quarenta pessoas que tinham um objetivo, e o consórcio foi uma aventura inesquecível. (Professor Waldemar)*

Entre os mestres, a professora Beth afirmou que, em sua formação, sempre foi tocada pelos incentivos dados por seus professores, conforme relato a seguir:

*[...] havia aquelas experiências cotidianas da sala de aula e dos professores que acreditavam em mim e me empurravam para frente, me influenciavam com estímulo e até certa cobrança positiva no incentivo: “você tem que ser professora, você precisa ser professora, você vai se dar bem na sala de aula, você vai ser útil na sala de aula”; então eles viam o que eu mesma ainda não conseguia ver. (Professora Beth)*

A experiência marcante na atuação:

*[...] foi quando eu vi os meus primeiros alunos se formando, se tornando meus colegas não só por causa do Diploma, mas por causa da prática, então, por exemplo, hoje, eu tenho o privilégio de ser colega de um ex-aluno meu aqui dentro da universidade. Isso é muito bom e quando eles reconhecem que você tem uma parcela... eu tenho ex-alunos que já estão terminando o Doutorado, passaram na minha frente, isso não tem preço, eu sei que eu tenho parte nisso, isso é muito bom. (Professora Beth)*

O professor Mauro lembrou que, em sua formação, o que o marcou foi extrapolar o conteúdo e sempre buscar representações artísticas, por meio de desenhos e projetos e participar de concursos de *designer* e ganhar alguns. Na atuação, disse que o que o marcou foi sua participação no núcleo estruturante do programa paraense de *Designer*, em 1999, o qual deu origem ao primeiro curso de *Designer* no Pará; destacou ainda o ingresso como docente da UEPA.

A professora Rosa disse que, em sua formação, marcou o ingresso no Ensino Superior, que era muito diferente do Médio e estranhou muito a atividade da pesquisa na pós-graduação em nível de especialização e mestrado, com mais força nesse segundo nível. Na atuação, destacou:

*[...] quando começamos as discussões no ano de 1995-1996, que nós fizemos [...] eu, a professora de Biologia e o professor de Matemática, [...] no quinto semestre de Pedagogia, hoje, que era Formação de Professores, um projeto interdisciplinar, e nós trabalhamos todos os nossos conteúdos do semestre de forma interdisciplinar efetivamente, quisemos mostrar para os alunos que a interdisciplinaridade era uma mudança de postura do professor, principalmente, e nós passamos a juntos trabalharmos as nossas disciplinas e foi uma experiência muito importante, onde nós unimos a Legislação, com Matemática, Biologia e Metodologia da Matemática e Metodologia de Ciências Naturais [...] mas inclusive nós chegamos a escrever o projeto, publicamos, apresentamos na SBPC, na época, foi muito legal, foi uma experiência muito boa. (Professora Rosa)*

O professor Sandro considerou como experiência marcante na esfera da formação a conquista do título de mestre e, na atuação, mencionou, como o professor Waldemar, a experiência do consórcio implementado pela UEPA:

*[...] realmente o consórcio teve momentos, que eu conhecia mais a capital, então isso realmente marcou, foi diferente, porque no interior a gente pega o aluno com toda aquela dificuldade, mas quando a gente compara com o aluno da capital, ele é mais interessado, realmente ele tem vontade de aprender, isso é uma coisa marcante, sempre é unânime, quando a gente conversa entre colegas a gente percebe que no interior, o aluno tem sede de aprender, quanto que na capital todo esse aparato, toda a estrutura a gente percebe que o aluno não tem esse interesse, é uma coisa realmente diferencial. (Professor Sandro)*

O professor Tony destacou que foi aluno na época da ditadura militar, então não conseguia lembrar-se de nenhum momento marcante, pois participar de eventos naquela ocasião era uma atitude perigosa aos olhos do governo, conforme relato abaixo:

*[...] não fui a Congressos, movimento estudantil; a universidade decorreu em anos difíceis, de 1970 a 1973, então, congresso naquela época que eu sabia que existia, era congresso da UNE, e Congresso da UNE, o pessoal era preso, essa coisa toda, congresso assim de estudantes ligados à Literatura, Universidade eu creio que existia claro, mas, eles deveriam ser como só um pretexto para discussão da Ditadura militar, essa coisa toda (risos), e não havia nada assim, de eu ouvir um grande expositor. (Professor Tony)*

Na atuação, afirmou que não teve uma experiência de destaque, mas considerou alguns momentos importantes, tais como: os convênios interinstitucionais, sob a coordenação da PROPESP/UEPA; a reformulação do curso de Pedagogia; a estruturação dos cursos de especializações e os projetos de educação à distância.

O professor doutor Afonso mencionou como experiência marcante formativa a participação em um Programa Especial de Treinamento (PET), conforme relato:

*Era um grupo de doze alunos bolsistas da CAPES e a diferença a importância dessa experiência é que nós tínhamos a bolsa e tínhamos a obrigação de ter um alto nível acadêmico. Então, ainda que não houvesse muitas atividades diferentes que nós fizéssemos, havia um espaço com mesas para os alunos, então nós passávamos o dia na universidade estudando, havia interação entre os alunos, todos eram alunos da mesma época e da mesma geração, então havia uma interação forte e esses alunos sempre se diferenciavam, pois todos foram fazer pós-graduação fora [...] essa é uma experiência de graduação que talvez eu considere a mais marcante, nesse processo da graduação, pois permitiu que eu mantivesse sempre altos níveis de desempenho acadêmico, porque eu só me preocupava em estudar, eu tinha bolsa que me permitia dedicar integralmente ao estudo. (Professor Afonso)*

No que se refere às experiências em nível de atuação, revelou que o recente ingresso no Ensino Superior foi fundamental, pois teve a:

*A sensação que eu tive ao começar dar aulas foi que finalmente eu estava fazendo uma coisa, onde eu tinha um resultado imediato, [...] quando eu passei a ser professor eu tinha um resultado após uma aula, pois, depois de uma aula, eu sabia se tinha sido bom ou não, isso era ótimo era uma sensação boa e isso foi muito bom para mim, logo no início foi um grande estímulo. (Professor Afonso)*

O professor Ronaldo afirmou que sua formação possibilitou que transitasse em várias áreas, à medida que cursou licenciatura em Matemática e Engenharia Civil, cursou ainda Geofísica, assim adquiriu uma visão mais prática, na qual contextualiza, de forma interdisciplinar, os conteúdos.

Quanto à atuação, abordou muito a experiência que teve com a inadequação de metodologias de ensino:

*Eu errei feio, a primeira aula que eu dei em Administração, eu mostrei um teorema lá, eu demonstrei as equações dos juros compostos através de séries infinitas, diga-se de passagem, isso, só se vê na pós-graduação. (Professor Ronaldo)*

Nessa experiência, um colega conversou com ele e disse que estava fora de sintonia com a turma; então o professor Ronaldo, no mês de julho, discutiu com seu colega novas alternativas metodológicas e, em agosto, introduziu-as e obteve sucesso:

*Aí eu entrei no segundo semestre depois de queimar o meu julho disposto a mudar, a entender onde eu estava errando, ser humilde, vou aprender onde eu errei, vou refazer o curso, adquiri um livro onde ele trata tudo em nível de computação, entender toda a dificuldade do aluno, e aí eu comecei a trabalhar para os alunos, eu era considerado um dos piores, menos de seis meses, eu passei a ser um dos melhores [...] eu percebi que, na verdade, a metodologia que você usa é fundamental não só para preservar o emprego, hoje, há cinco anos no local, mas, muito mais satisfeito porque dificilmente um aluno falta a minha aula, [...] mas acho aí que eu aprendi a dosar exatamente, e em cada nível, você tem de ter certa estratégia, e aí eu comecei a aprender a separar as coisas, eu comecei entender que a dose na graduação não é a mesma dose que a gente recebe no Doutorado. (Professor Ronaldo)*

A professora Mônica disse o seguinte de sua experiência que marcou sua trajetória de formação:

*Eu aprendi mais coisas não foi na minha graduação, eu aprendi mais coisas foi na minha especialização, e aprendi muito coisa quando fiz o Mestrado, mas não na disciplina, mas com a minha orientadora, como pessoa, eu aprendi com ela muito mais coisas, do que aprendi cursando todas as disciplinas da graduação e do Mestrado, tanto que ela foi homenageada no Fórum de Letras desse ano na UNAMA, ela trabalha com Língua Indígena, e eu fiz a homenagem a ela. (Professora Mônica)*



Ao considerar sua experiência na atuação como docente universitária, afirmou que a pesquisa e a orientação de alunos é marcante para ela, pois, ao orientar, esquece-se de seus problemas e estabelece uma proximidade com os orientandos, em geral, seus alunos são bem avaliados e é uma grande recompensa para a professora Mônica.

O professor Hélio, ao referir-se à experiência formativa, disse que, até o Ensino Fundamental, queria ser um biólogo/botânico, mas seu irmão lhe mostrou como a Matemática funcionava por meio da lógica exata e, naquele momento, decidiu seguir a carreira de matemático.

Na atuação, disse que sempre buscou novas alternativas para atuar na Educação Superior e afirmou também que:

*[...] inovava no ensino de cálculo lá na UNAMA, eu fazia uma estrutura diferente com os alunos, depois eu tive que lecionar Matemática no curso de Farmácia, aí, então eu usava outro método para ensinar limite e funcionava [...] mas é fruto de você correr o risco, eu acho que é um problema sério, às vezes você quer correr o risco de acertar ou de errar, como eu tenho um pouco de audácia de querer errar, eu corro riscos. (Professor Hélio)*

Para o professor Otávio, foi a aprendizagem acerca do cuidado que o professor deve ter ao lidar com crianças considerando respeito às suas características e ritmos de aprendizagem. E a partir da pós-graduação começou a aplicar a lógica matemática na vida.

Na atuação, referiu-se a uma aluna de alto nível acadêmico que usava metodologia individual para atender e ampliar o nível de seus conhecimentos, atualmente, ela é pesquisadora da UFPA e reconhecida internacionalmente na área de engenharia elétrica.

Assim, as experiências formativas e de atuação marcam as trajetórias dos professores e, independente da titulação, emergem com sentimento de recompensa e aprendizagem, constituindo-se em marcas individuais inerentes aos seus itinerários pessoais e profissionais.

#### **5.4.**

#### **Afinal quais as exigências da docência universitária? A pesquisa é considerada uma delas?**

O perfil do professor universitário, para Cunha (2007, p. 17), não é homogêneo, à medida que “assim como há de fato o contingente que produz a ciência e cultiva a erudição, [...] há muitos docentes que se aproximam mais dos

professores secundários [...] que interagem na interpretação do conhecimento já produzido”. A esse respeito, o professor Hélio mencionou que identifica em alguns professores essa aproximação com os professores secundários:

*[...] às vezes, eu vejo o pessoal, as pessoas tratando os alunos aqui, como um aluno de Ensino Médio, os alunos querendo ser tratados como alunos do Ensino Médio, essa é uma coisa que eu percebi que não, na Educação Superior o aluno tem de ser tratado de uma maneira diferente, mais autônoma. (Professor Hélio)*

Para Cunha (2007), a superação dos desafios que norteiam o perfil desse professor estaria pautada na simbiose entre essas duas vertentes associadas a outras habilidades/conhecimentos e saberes, os quais colocariam o estudante no protagonismo do saber.

Constatei que a homogeneidade realmente não existe, pois apesar dos professores entrevistados, às vezes, apresentarem opiniões e trajetórias semelhantes, no geral, predominaram significativas diferenciações, nas quais o tempo de serviço e a titularidade fizeram a diferença.

Em relação às exigências que a docência universitária impõe, houve semelhanças entre as respostas dadas pelos professores, pois todos afirmaram que o domínio do conteúdo e a titulação são as exigências principais. A esse respeito, o professor Hélio disse:

*Agora o que precisa mesmo, de formação qualificada, isso é fundamental, então, às vezes, eles reclamam para fazer concurso para quem tem Mestrado, eu acho que é, porque, quem já fez mestrado, já consegue orientar monografia melhor, já tem mais uma profundidade nas suas leituras, vai aumentar o nível dessa disciplina naturalmente, eu acho que isso é fundamental. (Professor Hélio)*

Entre as demais exigências citadas estão: interação com os alunos, cultura geral do professor, pesquisa, atualização constante, leituras, aspectos didáticos, relação interpessoal com os alunos, comunicação, orientação dos alunos, clareza diante do processo avaliativo, conhecimento da estrutura e da missão da universidade, inserir alunos na pesquisa e na extensão. Tais exigências poderiam ser consideradas como pontos de um projeto institucional de formação continuada, direcionado aos docentes da UEPA.

A professora Mônica destacou que as exigências são maiores para os professores com doutorado. A este respeito, afirmou que:

*[...] a docência te exige muito, agora, tu podes ser bom ou não, então eu digo assim, por exemplo, eu acho que tem professores e professores, eu acho que a docência, principalmente ela exige muito de todos nós, agora, uns não estão nem aí, e não fazem, então, eu penso assim, se você quer ser um bom professor você vai ser muito sugado, porque você vai procurar atender a essas exigências [...].eu*

*tenho a obrigação moral de ser boa naquilo que eu faço, e o título sem dúvida, porque, eu acho que eu tenho que zelar por esse título, eu tenho é que fazer merecer esse título.* (Professora Mônica)

Para Zabalza (2004, p.111), existem exigências intelectuais que o professor deve atender e essas *ultrapassam o mero domínio dos conteúdos científicos da especialidade*. Esse autor destaca que o ensino é uma interação e exige que o professor desenvolva competências, a saber: identificar o que o aluno já sabe; estabelecer uma boa comunicação e relacionamento cordial com os alunos; agir de acordo com as condições e características dos alunos; estimular os alunos a aprender e a trabalhar em grupo; transmitir paixão pelo conhecimento, pelo rigor científico e pela atualização.

Enfim, as exigências da docência extrapolam o mero aspecto individual do professor, visto que exige ainda habilidades que impulsionem ações direcionadas ao trabalho com a socialização dos alunos, pressupõem ainda um professor universitário com preparação específica, na qual tenha o domínio de conhecimentos e competências de alto nível. Esse autor considera que:

[...] não é suficiente dominar os conteúdos nem ser um reconhecido pesquisador na área. A profissionalização docente refere-se aos alunos e ao modo como podemos agir para que aprendam, de fato, o que pretendemos ensinar-lhes. (ZABALZA, 2004, p.113)

Cunha (2007, p.21) afirma que

a ênfase da pesquisa sobre o ensino não é questão de dualidade, na qual um é mais importante que outro, à medida que a capacidade investigativa é condição fundamental para o professor universitário, reforça ainda que os saberes da pesquisa são diferentes dos saberes para docência.

Ao buscar analisar o papel da pesquisa na trajetória dos entrevistados, a fim de constatar se essa se constituía em uma ação presente em nível de atuação, identifiquei que a pesquisa se coloca de forma diferenciada entre os docentes, e tem a ver principalmente quando se toma por base o título acadêmico e o tempo de atuação, na universidade.

Dessa forma, os professores especialistas, independente do tempo de atuação na docência universitária, não integram grupos de pesquisa, dois dos três professores integram grupos de extensão. Os professores não desenvolvem projetos de pesquisa nem orientam trabalhos de Iniciação Científica. Eles têm uma baixa participação em eventos científicos.

Os professores mestres, em sua maioria, participam de grupos de pesquisa e somente um professor destacou que não integra nenhum grupo. Essa participação não está associada ao desenvolvimento de projetos de pesquisa, à medida que nenhum deles desenvolve projetos de pesquisa. Dois professores orientam alunos de Iniciação Científica. Ao tomar por base a participação em eventos científicos, o que prevalece é a participação em eventos locais.

O relato abaixo se refere à opinião do professor Tony, que está em final de carreira, acerca da participação em eventos científicos:

*eu não saio quase de Belém, eu participo assim, muito modestamente, [...] mas, eu quero que a coisa nasça da nossa atividade eu não dou valor para sair para Congresso, nunca pedi passagem não tenho interesse, [...] mas as poucas vezes que fui, eu fui a um congresso [...] apresentei lá um trabalho, entendeu, lá uma sala com trinta pessoas, cada uma só querendo ouvir o próprio trabalho, eu não vejo que eu estava lucrando com isso, eu só sei dizer que participei [...] acho que as poucas experiências que eu tive, mostravam para mim que, não sei se pessoal, não sei se via as coisas da forma certa, mas, não creio que vale a pena, acho que há outras coisas mais locais e mais humildes que podem ser feitas que têm um valor intelectual, uma resposta maior. (Professor Tony)*

Nos relatos dos professores doutores, houve significativas diferenciações no que diz respeito à pesquisa e à participação em eventos científicos. O professor Afonso, que está em início de carreira, afirmou que sua publicação está meio estagnada e que não considera importante participar de eventos científicos; disse que considera esse fato um defeito de sua formação acadêmica. Ele integra um grupo de pesquisa e, quanto a isso, relatou:

*Eu integro um grupo de pesquisa [...] eu nem sei o nome é um nome enorme, eu sou nominalmente membro desse grupo, mas eu não tenho atividade de fato, concreto de pesquisa que esteja ligada a este grupo. (Professor Afonso)*

Os professores que estão em meio de carreira apresentaram perfis diferentes. O professor Ronaldo busca meios para implementar projetos de pesquisa, integra grupo de pesquisa e orienta um aluno do PIBIC. Ele afirma que busca sempre atualizar-se por meio da participação em eventos científicos.

Já nos professores Hélio e Mônica, que atuam também como professores do curso de mestrado em Educação, percebi a valorização maior da pesquisa, eles falaram dessa atividade com mais intimidade, o professor Hélio é líder de grupo de pesquisa e a professora Mônica integra grupo de pesquisa. Ambos os docentes desenvolvem projetos e orientam Iniciação Científica.

Ao falar da participação em eventos científicos, a professora Mônica afirmou que participa:

*[...] permanentemente [...] por causa da condição da profissão, do próprio título, porque é uma exigência da CAPES, e eu acho que, às vezes, tem eventos demais para pouco tempo, a gente ler muito pouco considerando o número de eventos.*  
(Professora Mônica)

E o professor Hélio mencionou: *tenho uma boa participação, costumo participar dos encontros da minha área de educação matemática, eu costumo participar dos eventos nacionais dos encontros de pesquisa Norte e Nordeste, do EPENN.*

O destaque desses dois professores no mundo acadêmico, a partir da inserção constante em eventos científicos locais e nacionais e do *habitus* da pesquisa, impõe a esses um prestígio acadêmico. Esse prestígio vem ao encontro das análises de Amorim e Soares (2009) ao afirmarem que o processo atual de diversificação das IES brasileiras acaba por gerar a divisão e hierarquização dos professores, assim segundo elas existe

*[...] uma parcela, composta daqueles que atuam nas universidades, em especial os que têm título de doutor e atuam nos programas de pós-graduação e, portanto desenvolvem ensino e pesquisa, ainda mantém a centralidade do *status* e do prestígio do professor universitário.* (AMORIM e SOARES, 2009, p.51)

Gostaria de destacar que as análises de Zabalza (2004, p.108) afirmam que ser bom pesquisador é importante ao professor universitário, mas não substitui, nem se iguala [...] ao fato de ser professor. É claro que o fato de ter um alto nível de excelência como pesquisador não garante que a prática docente seja igualmente um sucesso.

Essa afirmação sugere novas problemáticas de pesquisa que poderei investigar, posteriormente, na universidade.

O professor Otávio, doutor em fim de carreira, afastou-se da pesquisa em prol da administração superior e do ensino, ele não participa de eventos científicos e só publicou um trabalho em sua trajetória acadêmica.

Logo, de forma geral, as exigências principais da docência universitária, de acordo com os entrevistados, são o domínio do conteúdo e a titulação. Nesse cenário, identifiquei que os professores especialistas não desenvolvem pesquisas nem integram grupos de pesquisa. Já a maioria dos mestres participa de grupos de pesquisa, mas o envolvimento com a pesquisa fica limitado ao nível de orientação de Iniciação Científica.

Entre os doutores, identifiquei quatro situações: a primeira diz respeito a um recém-doutor que não desenvolve nenhuma ação de pesquisa, apesar de integrar

um grupo e não participa de eventos científicos. A segunda é um doutor que busca consolidar sua ação de pesquisa, integra um grupo de pesquisa e orienta Iniciação Científica e, assim que pode, busca participar de eventos científicos. A terceira é a dos professores que são docentes do mestrado em Educação e possuem maior envolvimento com a pesquisa, eles integram e/ou coordenam grupos de pesquisa e participam constantemente de eventos científicos. A quarta é do doutor em final de carreira, que não participa de eventos e não desenvolve ações de pesquisa, ele lamenta ter se afastado da atividade científica.

Assim, a relação dos professores com a pesquisa varia de acordo com a titulação e o tempo de serviço dos professores. Ficou evidenciado que para os professores doutores, a pesquisa é uma exigência da docência universitária. Esses professores reconhecem e desenvolvem com mais propriedade a pesquisa, principalmente para os que atuam em programas de pós-graduação *stricto sensu*.

Essa realidade é destacada por Behrens (1998, p.65), ao afirmar que o próprio meio acadêmico não valoriza o exercício competente da docência, visto que “a ênfase da qualificação recai na titulação, na pesquisa e na produção científica. Na realidade, a própria manifestação pelos pares instiga a valorizar os docentes que têm títulos, publicações”.

Entendo que a prática da pesquisa deve ser inerente a todos os professores, na medida em que essa atividade propicia a construção de conhecimentos e domínio de ferramentas para alcançar a produção científica. Concordo com Cunha (1998, p. 30) quando diz que *precisamos fazer os professores vivenciarem práticas de ensino com pesquisa para que eles tenham condições de desenvolver seu trabalho na mesma lógica*.

Mas entendo que a pesquisa e sua relação com o ensino constituem-se em um ponto ainda confuso na esfera da universidade. Na maioria das vezes, as IES limitam a competência e o prestígio acadêmico do professor à prática da pesquisa e o ensino fica em plano inferior. Concordo com Fernandes (1998, p.97) quando diz que:

Não se trata aqui de negar a importância de aprofundamento de seu campo científico, mas, sim, de construir pontes que permitam travessias em outros campos de sua prática cotidiana, numa perspectiva dialética entre *a dimensão epistemológica* (a questão do conhecimento), a dimensão pedagógica (a questão do ensinar e aprender) e a dimensão política.

Essa autora afirma ainda que a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão é um grande desafio para a universidade e defende que essa deve ocorrer de forma intencional, como uma síntese dialética no interior do ato pedagógico. Para Fernandes (1998, p.100),

é necessário, então, que se pense a prática pedagógica na perspectiva de outra episteme, que provoque um ensinar e um aprender indissociado da marca da pesquisa — a dúvida — e da marca da extensão — a leitura da realidade.

Logo, não se trata da primazia da pesquisa sobre o ensino, mas, a pesquisa como dúvida que questiona o conhecimento sistematizado, no enfrentamento com a realidade. Esse é um desafio de todos os que integram as IES, pois a pesquisa precisa sair da ação docente de uma minoria e constituir-se em uma ação inerente ao ensino contextualizado e significativo para os atores envolvidos.